

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**, São Paulo, Editora Martin Claret, 2003.

BOSCH, Philippe Van den. **A Filosofia e a Felicidade**, São Paulo, Martins Fontes, 1998. Tradução: Maria Ermantina Galvão 1ª edição.

BRUGNERA, Neditso Lauro. **A Escravidão em Aristóteles**, Editora Grifos, Porto Alegre, 1998.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**, São Paulo. Loyola, 1994.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Aristóteles e o seu conceito de felicidade**. In: Revista Idéias. Praia: 2003.

as características às quais torna uma pessoa feliz. O filósofo é amigo, é livre, é virtuoso e, o mais importante, usa sua razão e está sempre exercendo sua atividade contemplativa.

A felicidade é incompreensível sem ação, da mesma forma que é absurda a vida sem movimento, portanto um homem virtuoso e feliz é um homem bom que pratica boas ações a atos nobres. Se tivermos muitos vícios, teremos muitos padrões; mas, se estivermos adornados de virtude, além de nos possuirmos a nós mesmos, estaremos mergulhados na perfeita felicidade. Somente a virtude nos tornará livres e felizes. Livres no sentido de poder refletir, julgar, decidir, enfim, contemplar, pois esta é uma atividade essencialmente racional e o homem só poderá ser livre quando for capaz de exercer seu papel de ser racional e exercer sua atividade contemplativa que, para Aristóteles é onde se encontra a felicidade perfeita.

Grande parte da felicidade do homem está confiada à sua liberdade. Sem liberdade o homem não poderá ser feliz. Se ele possui a faculdade de preferir, de escolher e se possui a liberdade para desenvolver essas faculdades de acordo com sua razão, é de fato, um homem livre e feliz.

A felicidade não é outra coisa senão o agir pela razão e isso irá implicar na própria liberdade. O homem livre deve saber dizer “sim” ou “não” na hora certa, agir corretamente e no momento oportuno.

Além da liberdade, que é necessária, o homem precisa também ter amigos; a amizade é de suma importância para que ele possa alcançar a verdadeira felicidade. Sem amigos, sozinho e isolado ela não poderá ser feliz, como dizia Aristóteles”...até as que são sumamente felizes desejam companhia, e na verdade são estas justamente as que menos gostam da solidão”. (Aristóteles, 2003, p. 179). Portanto o homem feliz precisa de amigos. O fato dele ser virtuoso faz com que ele necessite de pessoas amigas a quem possa beneficiar com suas boas ações, e a felicidade se encontra nessas atividades virtuosas.

Sendo a felicidade uma atividade da razão conforme com a virtude, ou ainda, alguma forma de contemplação, fica fácil perceber que o homem que exerce e cultiva a sua razão desfruta mais a felicidade, portanto, quem estiver nessas condições será o mais feliz. Então, sendo assim, posso concluir que o filósofo é o mais feliz dos homens, pois é possuidor de todas

CONCLUSÃO

Após o estudo sobre felicidade em Aristóteles posso dizer que todos nós queremos ser felizes, mas que a felicidade não é algo que escolhamos da mesma forma que escolhamos uma roupa para vestir, um livro para ler ou, qualquer outra coisa; ela é algo que necessitamos por natureza. O homem não escolhe ser feliz, sua própria natureza é que deseja e necessita a felicidade.

Todos os impulsos do nosso ser, os esforços do nosso pensamento, todos os nossos atos tendem espontaneamente para a felicidade. Ela é o fim para o qual tendem todas as nossas ações mesmo que de maneira inconsciente, por isso é considerada como o objeto da vida humana.

A felicidade encontra-se numa atividade constante do pensamento do homem, do seu intelecto. Ela é um inesgotável tesouro da sua virtude. O homem para ser feliz precisa fazer uso da sua razão através da contemplação, ou seja, estar sempre colocando seu intelecto em uso, em atividade, por meio da sua capacidade de pensar, refletir e analisar. As pessoas que são capazes de exercer essa atividade contemplar são as mais felizes.

As riquezas, as honrarias, os divertimentos ou passatempos, apesar de serem necessários para que o homem tenha uma vida saudável, não constituem a felicidade. A verdadeira felicidade ou o sumo bem, como a chamava Aristóteles, é fruto da razão que é a essência do homem, o que ele tem de melhor.

“... para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais agradável, pois a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Conclui-se daí que essa vida é também a mais feliz”. (Aristóteles, 2003, p. 231)

A razão é própria do ser humano e é através dela que o homem age pelo meio termo, ou seja, age de acordo com a justa medida entre o excesso e a falta. Agindo de acordo com a razão, o homem se torna virtuoso e conseqüentemente feliz.

livre e que, portanto, não pode ser feliz. É impossível ser feliz, segundo ele, se não se é livre.

Para Aristóteles, uma classe de pessoas que possuem essas características é a classe dos escravos. Esses, não possuem a faculdade deliberativa, ou seja, a faculdade de decidir, de meditar no que se há de fazer, resolver, discutir. Os escravos por não possuírem a faculdade deliberativa estão fora do grupo de homens que Aristóteles considera que possuem vida humana, e que agem de acordo com a razão. Aristóteles afirma que apenas pode ser feliz o homem que é verdadeiramente livre, que pode escolher sem coerção seu modo de vida. Para ele, o escravo não pode ser feliz, porque sua finalidade é servir o dono na execução dos trabalhos penosos e não a de chegar àquela excelência das virtudes intelectuais e morais que constituem a felicidade e que caracteriza o homem como possuidor da vida humana.

Escreve Aristóteles:

Qualquer pessoa, até mesmo um escravo pode fruir os prazeres do corpo tanto quanto o melhor dos homens, todavia ninguém considera o escravo partícipe da felicidade, a menos que também o considere partícipe da vida humana. Assim, a felicidade não está em passatempos e divertimentos, e sim nas atividades virtuosas (Aristóteles, 2003, p. 228).

Para se ter uma vida virtuosa e portanto feliz, deve-se viver conforme a razão. A vida que for dirigida pela razão consistirá, desse modo, naquilo que Aristóteles chama de vida virtuosa. Essa vida é aquela em que a capacidade mais importante do homem, o intelecto, é colocada em prática através da contemplação. A felicidade do homem só será possível, quando as suas ações forem em conformidade com a virtude mais elevada que é a intelectual. Por isso é que Aristóteles não considera o escravo partícipe da felicidade, ele não possui liberdade para se dedicar à contemplação e nem tampouco uma vida dirigida pela razão.

O homem é um ser político, que vive em sociedade e que tem por sua própria natureza a necessidade de outros, necessidade de estar sempre em companhia de outros. E esta característica própria do homem existe também no homem feliz por isso, para que ele possa ser feliz precisa ter amigos.

Escreve Aristóteles:

O homem feliz deve ter uma vida agradável. Ora, se ele fosse um solitário à vida lhe seria penosa, pois não é fácil a quem está só estar continuamente em atividade; entretanto, com outros e visando aos outros, isso se torna mais fácil. Portanto, em companhia de outras pessoas, sua atividade será mais contínua e agradável em si mesma, como deve ser para um homem sumamente feliz (Aristóteles, 2003, p.210).

“A felicidade se multiplica sendo compartilhada por outros”. (Vicente, J. J. 2003, p.27) e supõe ainda uma duração normal da vida, pois em um só dia ou um tempo demasiado curto não basta para tornar um homem completamente feliz.

2.3- Felicidade e Liberdade

Ao falar de liberdade, Aristóteles abre um parênteses para ressaltar que a vida humana é específica daqueles que conseguem viver uma vida virtuosa, conforme a razão. Essa vida não abarca todo o gênero humano, pois nem todos vivem conforme a razão. Ela é restrita a um grupo de pessoas, sendo assim, Aristóteles acaba afirmando que a felicidade também não abarca todo o gênero humano, mas só pode caber a uma minoria de seres humanos, ou seja, aqueles a quem ele caracteriza como sendo os que possuem uma vida humana. Então, segundo Aristóteles, o ser humano que não age conforme a razão não possui vida humana e não é

Para Aristóteles, a felicidade chega somente onde há contemplação, e as pessoas que são capazes de exercer a atividade contemplativa são as que mais fruem a felicidade.

A felicidade suprema não decorre somente da dominação dos desejos e do domínio da vontade, mas requer também a mais elevada das atividades humanas, a contemplação intelectual.

Escreve Aristóteles:

Se [...] a atividade do intelecto, sendo contemplativa, parece exceder em dignidade, não visando a nenhum outro fim fora de si mesma e tendo o próprio prazer perfeito, sendo auto-suficiente, ágil (...), parece que em tal atividade encontram-se todas as qualidades atribuídas ao homem feliz. Então, esta será a felicidade perfeita do homem, se durar por toda a vida (Aristóteles apud Reale, 1994, p. 420).

2.2- Felicidade e Amizade

Segundo Aristóteles, o homem para realizar boas ações, ou seja, praticar ações virtuosas e, conseqüentemente ser feliz, precisa de meios exteriores que o ajudem, como por exemplo, uma certa dose de prosperidade, ter finura de caráter e ter amigos, que para ele, é o meio exterior mais nobre de todos.

A amizade para Aristóteles é necessária para a felicidade: ela entra na lista dos bens superiores de cuja posse depende a verdadeira felicidade. Se o homem bom tende mais a fazer o bem do que a recebe-lo, então ele tem necessidade de pessoas a quem fazer o bem e isso não seria possível se o homem fosse solitário, se vivesse sozinho e isolado.

E se fazer bem aos outros é mais próprio de um amigo do que ser beneficiado, e se conceder benefícios é próprio do homem bom e da virtude, e é mais nobre fazer bem a amigos do que a estranhos, o homem bom precisará de pessoas a quem possa fazer o bem (Aristóteles, 2003, p. 209).

razão não podem ser qualificadas como ações virtuosas. A virtude é necessariamente agir e agir bem. Portanto, podemos concluir que um homem que dorme ou que permanece inativo por algum motivo não pode alcançar a verdadeira felicidade, pois não estará em condições para praticar nenhuma ação nem tampouco uma ação virtuosa.

Escreve Aristóteles:

...nos jogos olímpicos não são os homens mais belos e os mais fortes que conquistam a coroa, mas os que competem (pois é no meio destes que surgirão os vencedores), assim também as coisas nobres e boas da vida só são conquistadas pelos que agem retamente (Aristóteles, 2003, p. 29).

Para Aristóteles, o homem precisa agir de acordo com o meio termo, pois nunca há virtude quando há excesso ou falta; virtude implica a justa proporção, nem demais nem de menos. Ela é uma mediania.

Usando a razão o homem estará realizando a sua missão de homem a qual consiste no exercício do pensamento. Exercendo o seu pensamento o homem realiza aquilo para o qual é feito e torna feliz.

O intelecto é o que há de mais elevado em nós e sua atividade é uma atividade perfeita, auto-suficiente e nos conduz a uma "atividade contemplativa que se resume na procura ou na descoberta da verdade" (Vicente, J. J. 2003, p.22). Para Aristóteles, a contemplação é um ato puramente racional. "Contemplar nada mais é do que a atividade própria da inteligência humana" (Vicente, J. J. 2003, p.22).

A felicidade do homem depende do saber dirigir bem a vida no sentido de conduzi-la ao fim para o qual foi projetada. Se não sabemos para que serve um instrumento não somente não poderemos usa-lo, mas até o seu próprio uso se transformará em causa de tensão, de insucesso e de infelicidade. Mas, o homem só poderá dirigir bem sua vida se fizer bom uso de sua razão.

valor para Aristóteles. Para ele, a reflexão é mais importante que o simples pensar, apesar dela não existir sem o pensamento. Segundo Aristóteles uma coisa é ter sensações, outra é ter consciência dessas sensações, portanto o homem precisa pensar e necessariamente refletir.

“E se esta [a alma racional e, em particular, a parte mais elevada dela, isto é, o intelecto] é a parte dominante e melhor, parece que cada um de nós consiste exatamente nela” (Aristóteles apud Reale, 1994, p. 410).

Portanto, segundo o que diz Aristóteles, aquilo que é próprio de cada coisa lhe é, por natureza, o que há de melhor e de agradável, dessa forma, para o homem a vida conforme a razão é a melhor e a mais agradável, pois a razão, mais que qualquer outra coisa, é o homem. Conclui-se daí que essa vida é também a mais feliz.

O homem é um ser racional, e a atividade racional, o pensamento, é a expressão de sua essência, o meio para a realização de seu fim. A tarefa da razão consiste em conservar sempre a justa medida entre o excesso e a falta, levando o homem à felicidade (Vicente, J.J. 2003, p.25.).

Através da razão, pensamos e dominamos todas as outras formas de vida, nos diferenciamos de todos os outros animais e dirigimos nossos sentimentos pela reflexão. Segundo Aristóteles, a razão é o único meio que possibilita ao homem alcançar a felicidade, pois é ela que regula perfeitamente as nossas ações fazendo-nos agir de acordo com o meio termo, ou seja, agir de acordo com a virtude, que para Aristóteles, é adquirida, não da natureza, mas mediante a repetição de atos e ações virtuosas. O homem não nasce virtuoso, ele torna-se virtuoso através do hábito de praticar boas ações: “Como, por exemplo, construindo casas tornamo-nos arquitetos (...), assim realizando coisas justas tornamo-nos justos, realizando coisas moderadas, tornamo-nos moderados, fazendo coisas corajosas, corajosos” (Aristóteles apud Reale, 1994, p. 413).

A virtude é um hábito livre e voluntário no qual intervêm a inteligência e a vontade. Assim, aquelas ações praticadas sem o uso da

CAPÍTULO II

2. A FELICIDADE NA VISÃO ARISTOTELICA

2.1- Felicidade como atividade

Depois de todas essas reflexões sobre o bem e sobre as possíveis definições de felicidade, dirijo-me ao ponto em que Aristóteles se refere à felicidade como uma atividade. Segundo ele, a felicidade encontra-se numa determinada atividade que é peculiar ao homem, ele é o único que a possui e só ele pode realizar. Sendo uma atividade particular e especial do homem, outros seres vivos não podem ser agraciados com tal ação, portanto esta ação não poderia ser o simples viver, pois é própria de todos os seres vegetativos; não poderia ser o sentir, porque é comum aos animais; resta então a atividade do pensar que é própria do ser humano, outro ser não seria capaz de realizar essa atividade, apenas o homem.

O pensamento racional distingue o homem de todos os outros seres vivos na face da terra.

Ressalta Aristóteles:

A vida parece ser comum até às próprias plantas, mas estamos, agora, buscando saber o que é peculiar ao homem. Excluamos, pois, as atividades de nutrição e crescimento. A seguir, há a atividade de percepção, mas dessa também parecem participar o cavalo, o boi e todos os animais. Resta, portanto, a atividade do elemento racional do homem (Aristóteles, 2003, p. 27).

Mas, para Aristóteles, essa atividade de pensar deve ser seguida de uma outra atividade: a da reflexão. Pensar sem refletir não tem nenhuma significação. O homem pode pensar todo o tempo e jamais refletir, demonstrando o não uso do seu intelecto. Isso, absolutamente, não possui

1.3- Honra

Muitas pessoas identificam a felicidade com a honra, mas esta é o objetivo do homem que se dedica à vida política, ele a busca não por ela mesma, mas como prova e reconhecimento público de seu valor. A honra não é o bem supremo, aquele bem que buscamos por ele mesmo, ou seja, a felicidade. Os que a buscam a honra buscam tendo em vista outra coisa como, por exemplo, consideração e homenagem ao seu talento, à sua coragem, às suas boas ações ou às suas qualidades e não ela mesma. A honra, segundo Aristóteles, "é algo exterior" é concedida a nós por terceiros ao passo que deveria ser algo interno.

 Todavia, isso parece ser demasiadamente superficial para ser o que buscamos, visto que a honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe, ao passo que nos parece que o bem é algo próprio de um homem e que dificilmente lhe poderia ser tirado (Aristóteles, 2003, p.21).

 Para Aristóteles, as riquezas, as honrarias, os prazeres não são indispensáveis para se alcançar à felicidade, mas os consideram como meios e não como fins. Com essas análises ele demonstra que nenhuma dessas coisas (prazer, honra, riqueza) representam plena realização das capacidades humanas são condições para a felicidade, ou são úteis como instrumentos para sua realização, e que portanto não podem ser consideradas como felicidade.

pensar e do estudo nos fazem pensar e aprender ainda mais". (Aristóteles, 2003, p. 166)

1.2- Riqueza

Para Aristóteles, a vida dedicada a ganhar dinheiro é uma vida absurda e idiota. A riqueza não é o bem para o qual as coisas tendem. Trata-se apenas de uma coisa útil, nada mais e, além disso, hoje o homem pode possuí-la, amanhã talvez não. O homem só deseja a riqueza no interesse de alcançar uma outra coisa, ou seja, algum bem material, como casa, carro..., ou até mesmo status, pois desejam fazer parte da classe alta, da elite de uma sociedade, por isso desejam o dinheiro, a riqueza.

Mas, mesmo não sendo o bem para o qual as coisas tendem, Aristóteles não despreza totalmente a idéia de riqueza, pelo contrário, ele defende que certa quantidade de bens materiais é necessária para que o homem possa sobreviver e se dedicar à contemplação sem outras preocupações. Seu corpo também precisa ser alimentado e cuidado, só que para isso ele não precisa possuir muitos bens, ter riquezas em excesso. Aristóteles defende ainda que qualquer cidadão, mesmo desprovido de riqueza, pode praticar ações virtuosas tanto quanto àqueles que detêm o poder e, muitas vezes até mais porque para praticar boas ações não é necessário ter o mundo em suas mãos e ser dono de tudo, basta para isso ter o suficiente para uma vida saudável.

Quanto a qualquer cidadão poder ser feliz sem possuir grandes riquezas, bastando apenas praticar atos virtuosos, o próprio Aristóteles afirma que:

...podemos praticar ações nobres sem para isso necessitarmos ser donos da terra e do mar. Mesmo com recursos moderados, pode-se proceder virtuosamente, basta que tenhamos o necessário para isso, pois a vida das pessoas que agem em conformidade com a virtude será feliz (Aristóteles, 2003, p. 233).

As opiniões se divergem quanto à definição de felicidade. A maioria das pessoas pensa que se trata de alguma coisa simples e óbvia como 1- prazer, 2- riqueza, 3- honras.

1.1- Prazer

Segundo Aristóteles, a felicidade não se encontra no prazer porque se assim fosse o homem seria um amante da vida agradável e isso o tornaria "semelhante a um escravo", sem liberdade e, sua existência seria uma "existência digna dos animais".

O prazer, para Aristóteles, vem acompanhar uma atividade e para ele a melhor atividade é a atividade de conhecimento, pois este é, sem dúvida, fonte de verdadeiro prazer.

O prazer que possui sinônimo de vida agradável pode ser bom e até necessário, mas não é a verdadeira felicidade. Para Aristóteles, a felicidade não está em passatempos e nem em divertimentos, esses por sua vez contribuem para que o homem descuide de seu corpo e de seus bens materiais, se prejudicando mais do que se beneficiando.

Esse tipo de prazer é como um mosaico todo feito de coisas exteriores e no qual sempre está faltando uma peça e ainda torna o homem submisso e isso para Aristóteles é uma forma de escravidão. Segundo ele, o verdadeiro prazer é aquele que o homem sente ao conhecer o desconhecido, ao compreender algo novo, para ele, "todos os homens desejam naturalmente saber". (Aristóteles apud Bosch, 1998, p. 190) Todos sentem prazer e alegria ao exercitar os sentidos, os olhos e os ouvidos para descobrir o mundo, sentem prazer quando estão avançando na direção certa. Mesmo assim, esse prazer que Aristóteles considera como sendo o mais importante, não é o componente essencial da felicidade, ele junta-se a essa ação de conhecer, mas é apenas um acompanhamento. Para Aristóteles, os prazeres verdadeiramente preciosos são os prazeres ligados à atividade contemplativa, ou seja, os prazeres que em através da reflexão, da meditação enfim, do ato de pensar. "... de fato, os prazeres derivados do

I CAPÍTULO

1. DEFINIÇÕES ANTERIORES DA FELICIDADE

Aristóteles afirma que o homem é um ser vivo necessariamente ativo; sua felicidade, se ele é capaz de ter acesso a ela, não pode consistir num estado passivo. Sendo assim, em todas as suas várias ações e atividades o homem tem como objeto alcançar um fim que o próprio Aristóteles configura como bem:

“Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que as coisas tendem” (Aristóteles, 2003, p. 17)

Esse fim para o qual caminha a ação humana deve ser um fim último, e um bem supremo, ou seja, um bem que buscamos por ele mesmo, o desejamos sem interesse de uma outra coisa. Aquilo que buscamos com a intenção de alcançarmos uma outra coisa não é um bem em si, um bem supremo.

Precisa Aristóteles:

Se existe, então, para as coisas que fazemos, algum fim que desejamos por si mesmo e tudo o mais é desejado por causa dele, e se nem toda coisa escolhemos visando à outra(...), evidentemente tal fim deve ser, o bem, ou melhor, o sumo bem (Aristóteles, 2003, p. 17).

Sabemos que o fim último que buscamos é o bem supremo. Mas, em que consiste esse bem? Aristóteles não tem dúvidas de que todos os homens, sem distinção desejam ser felizes, portanto considera que tal bem é a felicidade. Nós a buscamos não com a pretensão de alcançar um outro bem, mas pelo bem que ela é em si. Mas o que é a felicidade?

nobre e virtuoso é um homem feliz, pois é praticando o bem que nos sentimos realizados e constitucionalmente felizes.

INTRODUÇÃO

Cada um de nós tem sede de alegria. Todos nós somos atraídos pelo ideal da felicidade. Como as águas dos rios correm para o mar, da mesma maneira os homens, embora de forma diversa, vão em busca da felicidade.

A tese de que a felicidade é o único bem, ou o sumo bem, foi sustentada repetidas vezes ao longo da história do pensamento ético. Foi Aristóteles quem primeiro sustentou que é o mais alto dos bens e que todos os homens aspiram à felicidade.

É sobre o problema da felicidade que proponho refletir, tomando por base o pensamento de Aristóteles. Isso será feito em dois capítulos.

No primeiro capítulo tratarei das noções de felicidade anteriores a Aristóteles. Muitos consideravam, o prazer, a riqueza, a honra como sendo felicidade, mas Aristóteles vem dizer que todos são meios e não fins. Segundo ele, isso nos leva a uma falsa felicidade e não ao que ele chama de felicidade verdadeira ou de sumo bem.

No segundo capítulo, tratarei da verdadeira felicidade como fruto da razão. O homem é o único ser que se distingue de todos os outros seres vivos pela sua capacidade de pensar, refletir e analisar.

Através do pensamento ele adquire conhecimento que faz dele um ser capaz de julgar bem todas as coisas. Quem julga bem, vive bem e quem vive bem vive feliz.

O homem necessita também, para ser feliz, ter amigos que possibilitará a prática da sua virtude, pois sozinho não seria possível beneficiar a ninguém com suas boas ações e, ainda ser livre para poder dirigir a própria vida em conformidade com a sua razão.

O que podemos fazer – mas não devemos - é errar justamente ao que diz respeito às nossas opções fundamentais, às nossas escolhas. O homem vale, não pelo que é ou pelo que faz, mas por aquilo que procura, pelo seu programa de vida. A nobreza não se conquista nascendo, mas vivendo, isto é, enchendo nossa vida de perspectivas válidas. O homem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1. DEFINIÇÕES ANTERIORES DA FELICIDADE.....	10
1.1. Prazer.....	11
1.2. Riqueza.....	12
1.3. Honra.....	13

CAPÍTULO II

2. A FELICIDADE NA VISÃO ARISTOTELICA.....	14
2.1. Felicidade como atividade.....	14
2.2. Felicidade e Amizade.....	17
2.3. Felicidade e Liberdade.....	18

CONCLUSÃO.....	20
-----------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	23
--------------------------	-----------

FELICIDADE
Elizabete P. Santos

EPÍGRAFE

“Com a felicidade temos tudo de que precisamos, e se não somos felizes fazemos de tudo para sê-los”.

Epicuro

AGRADECIMENTO

A Deus, que conduziu-me nesta jornada em cada instante e fortaleceu-me nos momentos mais difíceis com sua presença constante em meu coração. Abençoa-me!

Aos meus pais, por ensinar-me que tudo é possível... Todo o meu amor!

Aos meus filhos, **Rodrigo e João Vitor**, com amor e agradecimentos por serem minha fonte de inspiração.

Ao meu esposo, **Vando**, que é parte fundamental da minha vida, eterna gratidão!

Aos colegas, que apesar de sermos pessoas tão diferentes, buscamos o mesmo ideal e descobrimos o quanto o caminho das pedras tem o poder de nos unir e nos ensinar. Valeu a pena!

Aos nossos mestres, que compartilharam conosco seus conhecimentos, indicaram-nos novos caminhos os quais abriram-nos maiores horizontes, rumo aos ideais humanos e profissionais. Muito obrigada!

FELICIDADE
Elizabete P. Santos

Dedico a Deus, que mesmo sendo o Criador e todo poderoso, é presença em tudo e não se deixa ser visto em nada.

Aos mestres e orientador, que me transmitiram seus conhecimentos e experiências profissionais e de vida com dedicação e carinho, me guiaram para além das teorias, da filosofia e das técnicas.

Aos meus colegas, amigos e a todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento.

Especialmente à minha família, pela força, amor, paciência e compreensão que tiveram comigo durante estes anos de curso.

ELIZABETE PEREIRA DOS SANTOS

FELICIDADE EM ARISTÓTELES

Monografia apresentada em 14 de dezembro de 2004. Como parte
das exigências do curso de filosofia

Jose João Neves L. B. Vicente

Orientador

FACER, 2004

ELIZABETE PEREIRA DOS SANTOS

FELICIDADE EM ARISTÓTELES

Monografia apresentada a FACER
como requisito para conclusão de
graduação em Filosofia sob a
orientação do professor José João
Neves Barbosa Vicente.

FACER, 2004

ELIZABETE PEREIRA DOS SANTOS



FELICIDADE EM ARISTÓTELES

30664
500ty

Tombo n°	9437
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	14-02-05

FACER, 2004